



## **Entrevista com Marluza Marques Harres**





## **Marluza Marques Harres**

Fabiano Quadros Rückert\*

Em entrevista concedida, em 17 de fevereiro de 2013, pela historiadora Dra. Marluza Marques Harres, nascida em Sananduva, no Rio Grande do Sul, em 8 de julho de 1958, professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de Licenciatura em História da Unisinos, Ex-Presidente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e atual Presidente da Associação Nacional de História – Seção Rio Grande do Sul (ANPUH-RS) discorreu sobre suas relações com o Programa de Pós-Graduação que está comemorando os seus 25 anos de história.

**RLAH** - Como foi o seu ingresso no quadro de docentes da Unisinos?

**Marluza Marques Harres** - Eu comecei lecionando no curso Básico da Unisinos, em 1989, a convite da professora Beatriz Franzen. Cabe lembrar que ao mesmo tempo em que entrava como profissional na UNISINOS, ingressei no Mestrado em História da UFRGS. Neste participava uma professora, Dra. Helga Piccolo, que havia sido minha professora na graduação de História da Unisinos e sempre me incentivava a continuar estudando. A continuidade em minha trajetória de estudos foi orientada por estas duas professoras, minhas professoras da Graduação que destaco como duas pessoas marcantes na minha formação. Não posso esquecer de mencionar o Padre Ignácio Schmitz, pois era a pessoa que mais facilmente identificávamos como um professor - pesquisador e isso era muito bom nas aulas de Arqueologia. Lecionei inicialmente no Básico, mas a continuidade na instituição passava pelo validamento num concurso, o qual foi realizado no mesmo ano, por mim, pela professora Cleci Favaro e pelo professor Marcos Tramontini. Nós três prestamos concurso para ingresso na UNISINOS. Do Básico passei a lecionar na Graduação e trabalhei inicialmente com

---

\* Cursei Licenciatura Plena e Mestrado em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. No decorrer da graduação participei de pesquisas na área de relações interculturais e iniciei trabalhos com a metodologia da História Oral; posteriormente, ingressei na linha temática das Idéias e Movimentos Sociais na América Latina pesquisando o imaginário e as representações da Guerra Fria no contexto latino-americano. No curso de Mestrado em História, cursado durante o biênio 2005-2006, desenvolvi uma pesquisa inserida no campo da História Ambiental, enfatizando a dimensão cultural e política do movimento ambientalista brasileiro. Em 2011 ingressei no Doutorado com um projeto de pesquisa sobre a história da gestão das águas no Rio Grande do Sul. O conjunto de experiências de pesquisa adquirido durante a formação acadêmica contempla aspectos de teoria e metodologia da História e abrange temas como a etno-história, as relações interamericanas e o desenvolvimento histórico do movimento ambientalista no Brasil.



História Antiga. Eu tenho boas lembranças e muita bibliografia deste início trabalhando com História Antiga, gostei muito. Em seguida, assumi a parte de Teoria do curso da Graduação, que é, digamos, o eixo de trabalho mais sólido que eu desenvolvi como professora, tanto com as teorias na Graduação, como na Pós Graduação.

**RLAH** - E como foi essa experiência de organização da Pós-Graduação em História que inicialmente oferecia cursos de extensão e depois incorporou os cursos de Mestrado e Doutorado?

**Marluza Marques Harres** - O meu ingresso ocorreu quando a Pós-Graduação já estava em andamento. O professor Rambo, a professora Beatriz Franzen, a professora Ieda Gutfreind e a professora Reichel constituíam o núcleo forte de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação. Eu entrei em 1990 como Professora em Treinamento a convite do professor Rambo e trabalhei por muitos anos na Pós Graduação com a professora Ieda Gutfreind. Eu fico pensando como foi positiva a experiência de ter desenvolvido muitas disciplinas e seminários com ela, era uma professora com experiência da UFRGS e que estava contribuindo com a Unisinos para o desenvolvimento do Programa. Este fato eu reputo como muito positivo para o meu progresso. Senti-me de certa forma muito bem acolhida e minha integração foi muito fácil, porque o Professor em Treinamento é diferente: a posição dos colegas é de ajuda e auxílio; não é aquela situação de desafio, de teste, que é quando se ingressa já como um profissional pronto, que precisa mostrar competência imediata. Tive uma relação com a Pós-Graduação muito boa. Junto comigo, ou melhor, antes mesmo, entraram a Maria Cristina, a Eliane e o Marcos Tramontini e eu digo junto no sentido de que fomos colegas. Nós tínhamos cursado a Graduação juntos e esse ingresso na Pós Graduação foi uma coisa muito boa, compartilhada pelos quatro de uma maneira muito intensa. Lembro também do professor Martin Dreher. Então o núcleo duro da Pós-Graduação, da tomada de decisões, eram justamente essas pessoas: o Rambo, o Dreher, o Padre Schmitz, a Reichel, a Ieda Gutfreind, a Franzen. O eixo do Programa foram eles que deram. Foi um começo bem difícil. Eles assumiram inicialmente a perspectiva interdisciplinar, trabalhando na área de Estudos Ibero-Americanos; depois é que foi se organizando, no avanço das discussões foi ocorrendo à delimitação dos temas caros ao programa e foram se consolidando os eixos de pesquisa. E o tipo de aluno que você consegue atrair também é importante, especialmente, em um Programa de Pós-Graduação pequeno como é o da Unisinos – e a nossa vocação é ser pequeno, não é ser grande, nós não vamos e nem queremos ser um Programa de Pós Graduação grande. Mas



essa integração entre as pesquisas dos alunos e dos professores é difícil e demora algum tempo para entrar em sintonia, havendo então uma série de mudanças, principalmente no Mestrado. Quando o Programa iniciou o Doutorado já tinha direcionado sua perspectiva para os estudos sobre América Latina, o eixo latino americano e as três linhas de pesquisa estavam delineadas, bem como o núcleo de professores já era maior, pois nós tínhamos sido efetivados como professores, não mais em treinamento – o nós que eu falo são os quatro. Deixe-me incluir uma coisa: o Luiz Fernando foi nosso colega na Graduação e ele se incorporou recentemente ao Programa; o Paulo Moreira também foi nosso colega na Graduação. Temos um grupo que tem uma relação muito estreita, somos amigos, mas essa amizade foi sendo construída no meio profissional. E acho isso importante, pois num Programa pequeno como é o nosso, isso é um diferencial. As pessoas se conhecem bem, sabem como cooperam, como trabalham. Temos uma longa trajetória de trabalho conjunto, já fomos a turma nova do Programa e hoje estamos entre os mais velhos. E eu gostei tanto da interação com a Pós-Graduação que depois do Mestrado fui realizar o Doutorado.

**RLAH** - Como foi o funcionamento das atividades do PPGH e, especialmente, a questão da produção das pesquisas e das publicações. Como foi a experiência da passagem da revista interdisciplinar – Estudos Leopoldenses - para uma publicação própria que é a atual Revista História?

**Marluza Marques Harres** - Eu acho que foi uma mudança muito grande para a Unisinos e vou até me arriscar neste tema. Como eu vejo a questão da Revista? Em relação a revista Estudos Leopoldenses... Naquela época a perspectiva de uma revista era completamente diferente da de hoje. O Programa dispunha da revista para publicar os seus próprios trabalhos, era uma maneira de dar visibilidade e divulgar a pesquisa realizada na própria instituição; então é o inverso da lógica de hoje, pois nós não podemos publicar nas nossas próprias revistas, é um percentual bastante pequeno que se pode usar. E naquela época não era assim, as revistas tinham outro perfil. Veja como houve uma mudança grande e não é só uma mudança na revista, pois mudou também a forma de você pensar a pesquisa. Estamos vendo uma mudança na forma de dar visibilidade, mas isso está dentro de um processo de expansão da Pós Graduação no Brasil como um todo e de maior circulação entre os programas. É o início de cooperações interinstitucionais e de um diálogo mais amplo, estimulando a interlocução com os pares. Assustamo-nos um pouco com a questão dos Pareceres, mas na verdade é um diálogo que se estabelece: quando alguém faz um Parecer de um artigo ele está



dialogando contigo, está dizendo – isto está bom, aqui tem que aprofundar e te indica mais bibliografia, enfim isso faz avançar a reflexão. Há um avanço na Pós Graduação no Brasil como um todo e isso é o que impulsiona algumas dessas mudanças. Há muito mais gente pesquisando. Atualmente estamos num momento em que as Revistas acadêmicas estão passando a ser online e nós estamos, como área, com muito mais revistas; um número até excessivo, pois a área se expandiu brutalmente. Quando a Unisinos iniciou, tinha apenas a PUC e a UFRGS. Hoje temos Pós Graduação em Pelotas, Passo Fundo, Santa Maria, Rio Grande e Caxias. Isso só olhando o Rio Grande do Sul, então veja o que era o horizonte da pesquisa quando começamos e o que é hoje. E isso influi na dinâmica das revistas e nas trocas acadêmicas.

**RLAH** - Tenho uma questão sobre dois “rituais” do PPG, vamos chamá-los assim: a seleção dos alunos e a defesa das dissertações ou teses. Quais são as suas memórias sobre esses “rituais”?

**Marluza Marques Harres** - Esses dias eu fiquei pensando e me dando conta que tenho muitas orientações de dissertações e teses defendidas e fiquei contente com a minha trajetória na orientação. Eu gosto de orientar, para mim a orientação tem um componente de cumplicidade, tem a responsabilidade do orientador, tem momentos de ser duro, mas tem momentos de trabalho integrado na construção do tema. Eu não direciono, tento pelo menos não direcionar ou impor determinadas perspectivas aos orientandos, procuro manter realmente um diálogo com os meus alunos, deixo eles se desenvolverem. Agora eu vou ser muito sincera. A seleção é a parte mais difícil, a seleção às vezes tem um sabor muito amargo, já cansei de sair de processos de seleção muito abalada, acho que para mim é a parte mais difícil da Pós-Graduação; não é a orientação e nem depois na defesa. A defesa normalmente é tranquila, as pessoas são educadas em suas críticas. Eu tive apenas uma orientanda que enfrentou um debate duro e acirrado de alguém que não concordava com o que ela tinha escrito, mas ela se defendeu brilhantemente. A defesa pode se transformar em uma boa conversa, crítica, mas é criteriosa, sempre vista com muita seriedade. Nosso sistema de avaliação exige um Parecer anterior que é entregue antes da defesa, com isso estimula que o avaliador faça uma reflexão e sistematização da leitura, então quando chega à hora da defesa fica mais fácil, pois o aluno já dimensiona a crítica que poderá ser realizada. A avaliação que é realizada da dissertação ou da tese auxilia muito o avanço das pesquisas, porque o orientador e o orientando mergulham de tal maneira no trabalho que podem não mais perceber



certas questões e aquele olhar de fora identifica e chama atenção para aspectos nem sempre devidamente considerados. Em relação ao ritual da defesa eu não tenho nenhuma objeção, alguns poderiam até ser mais duros na crítica, mas a tendência é tudo ocorrer de uma forma tranquila e suave. Penso que se não fosse assim, iríamos criar um clima de medo, e a defesa não é um mecanismo de punição, deve funcionar um incentivo. E aqui tem outra mudança que percebo nesta questão: antes o profissional fazia a pesquisa para o Doutorado e era praticamente a parte final na sua trajetória acadêmica e hoje não é assim, pois o Mestrado e o Doutorado são o início da carreira; então temos que sempre dizer – olha este não é o trabalho final da sua vida, você não tem sete ou oito anos para fazer a pesquisa. O pesquisador antigamente ficava muito tempo envolvido na pesquisa do doutorado. Era muito diferente. Hoje temos prazos, temos as bolsas e se sabe, temos consciência de que este é um primeiro exercício sério de pesquisa. É nisso que eu penso quando busco não interferir tanto, não direcionar, porque, tanto a dissertação quanto a tese são exercícios de autonomia. Não posso e não devo controlar, tenho que realmente ser um interlocutor e dialogar, porque aquele exercício de autonomia tem que acontecer para fazer dele um pesquisador que vai tomar sozinho as decisões e assumir a responsabilidade de suas posições. Agora falando do ingresso dos alunos na Pós-Graduação e porque ele é tão difícil para mim. São muitos sonhos implicados neste concurso. E percebo um fosso entre os alunos que possuem a experiência da Iniciação Científica e os que não vivem essa experiência. Eu fico sempre muito tocada por causa, principalmente, da dificuldade que é para quem não passa pela Iniciação Científica ingressar na Pós-Graduação. E isso é perceptível em todas as fases: na elaboração do projeto e na entrevista. Portanto, já entramos para a Seleção com este problema, com este diferencial. Temos alunos que passaram pela Iniciação Científica e que saíram com uma bagagem impressionante, às vezes constroem seus projetos seguindo as pegadas dos professores que os orientaram; e temos alunos que não tem isso e que querem fazer uma Pós-Graduação, mas não tiveram a oportunidade da Iniciação Científica. Começamos com uma dificuldade de estabelecer o peso que a Iniciação Científica deve ter, pois pode se tornar um diferencial tão expressivo que inviabiliza o ingresso de outros proponentes. A outra dificuldade é que aqueles pré-projetos não estão prontos, não estão acabados e você tem que avaliar pelo potencial. Qual é o potencial? Algumas coisas estão superdimensionadas no projeto e você tem que avaliar se serão construções viáveis e propostas com valor para a área da História. Isso também te coloca numa situação difícil, você tem que ler o projeto prevendo problemas e possibilidades. E nisso o diálogo com os colegas às vezes fica difícil, porque o que eu vejo



como potencial o outro não vê, muitas vezes são de linhas diferentes. Claro que trabalhamos em conjunto e harmoniosamente, procurando sempre fazer o melhor, mas acho bem difícil. Acredito que esta seja a etapa mais complicada no Programa. A orientação não é um problema, até pela qualidade dos alunos que nós temos a felicidade de receber, eles são sérios, compenetrados e muito dedicados. Muitos desenvolvem seus mestrados trabalhando e mesmo assim os resultados são excelentes.

**RLAH** - Preparamos uma questão sobre o perfil dos alunos do PPGH, mas ela foi contemplada por antecipação.

**Marluza Marques Harres** - Posso ser elogiosa, eu gosto muito dos nossos alunos e eles é que nos levam adiante. Nós temos muitos alunos vindos de fora e a integração com os alunos que cursaram História na Unisinos é muito tranquila. Nosso Coordenador no final do ano lamentou que “perdemos” bons alunos para outros programas. Isso tem um lado bom e ficamos felizes porque contribuimos em sua trajetória acadêmica, mas sentimos por eles não estarem aqui. Contudo temos muita sorte, tem vindo alunos de longe trabalhar aqui e são surpresas agradáveis. E às vezes são alunos com um grau de carência forte e o Programa consegue receber, dar boa acolhida e colaborar para o avanço dessas pessoas. E isso é importante. Temos uma sociedade com carências educacionais muito sérias e graves e esse é um contingente que tem que receber uma compensação de estudos e de orientação.

**RLAH** - A pergunta agora é sobre a realização de eventos: tanto eventos de cooperação com outras instituições ou eventos específicos do PPGH. Qual a importância desses eventos e como você lembra suas experiências nesta questão?

**Marluza Marques Harres** - Essa foi uma questão muito importante. Penso particularmente em um evento que nos projetou nacional e internacionalmente, nós sediamos um encontro da Associação Nacional de História, da ANPUH-Brasil, em 2007. Este evento da ANPUH possibilitou ampliação de nossas relações com o mundo acadêmico. 2007 foi uma culminância porque o Programa sempre foi aberto para as parcerias e continua sendo aberto para fazer eventos em parceria com outras instituições. Nós não conseguimos ter um evento exclusivamente nosso, pois sempre estamos fazendo eventos com os grupos de trabalho da ANPUH e com a própria ANPUH, com a Associação Brasileira de História Oral, com Instituto Histórico e Geográfico de São Leopoldo, e com o Instituto Humanitas da própria UNISINOS. Sinceramente, acho positiva essa interação com outros programas, com outras



instituições e, ao mesmo tempo, ter abertura para temas do momento. Assim diversificamos mais os temas e as perspectivas, contemplamos melhor as linhas de pesquisa e até algumas metodologias importantes de trabalho. Eu faço uma leitura muito positiva da forma como estamos desenvolvendo nossa política interna de realização de eventos.

**RLAH** - Eu gostaria de propor que você recordasse algo não contemplado nas questões anteriores e que você gostaria de dar ênfase.

**Marluza Marques Harres** - Existe algo que está acontecendo agora e considero muito positivo: fui convidada para ser a Parainfa de uma turma da Graduação. Fiquei muito feliz porque mudei bastante a minha metodologia de trabalho com a Graduação, tendo em vista essa observação que fiz anteriormente, sobre o fosso entre o aluno com e sem a Iniciação Científica. Essa percepção fez com que eu começasse a mudar a minha sistemática de trabalho na Graduação para levar até eles mais experiências de pesquisas ao trabalhar as disciplinas de Teorias e Metodologias. Ter sido convidada para Parainfa foi uma confirmação que estou na direção certa ao tentar trabalhar a concepção de construção de conhecimento de modo mais intenso na Graduação, incentivar a ida aos arquivos e o trabalho com documentos, de fazer com que eles percam os medos e não vejam a pesquisa como uma coisa distante, mas sim como algo próximo, viável e que eles podem fazer. Fui por várias vezes professora homenageada, mas nunca tinha sido convidada para ser Parainfa. Essa é a primeira vez. Estou num momento muito feliz.

**RLAH** - Parabéns professora. Queremos agradecer em nome da Revista Latino Americana de História pela sua entrevista.

**Entrevista realizada no verão de 2013.**

*Recebido em Julho de 2013 - Aprovado em Julho de 2013.*